# Índice


| | | |
|---|---|---|
| 7 | Editorial | *Francisco Marcelino Pereira* |
| 11 | O Movimento da Escola Moderna Portuguesa hoje | *Sérgio Niza* |
| 16 | Saudação ao 37.º Congresso do Movimento da Escola Moderna Portuguesa | *Ariana Cosme* |
| 19 | Nos cinquenta anos do Movimento da Escola Moderna: A potência do conhecer e do agir | *Jorge Ramos Do Ó* |
| 28 | Revisitar a pedagogia contemporânea no cinquentenário do Movimento da Escola Moderna Portuguesa | *Sérgio Niza* |
| 34 | As Técnicas Freinet da Escola Moderna | *Manuela Castro Neves* |
| 41 | Um diálogo com a pedagogia institucional | *Pascal Paulus* |
| 55 | Os atuais enfoques teóricos do MEM | *Filomena Serralha* |
| 59 | Depoimentos | |

# Editorial

Francisco Marcelino Pereira

# No encerramento do cinquentenário do Movimento da Escola Moderna

O Movimento da Escola Moderna (MEM), em Conselho de Coordenação Pedagógica (CCP), assumiu comemorar o seu cinquentenário entre os 37.º e 38.º Congressos (de 2015 e 2016). Fê-lo com o intuito de evocar acontecimentos que ocorreram no período entre os primeiros passos deste grupo, em formação, no âmbito do Sindicato Nacional de Professores (fevereiro de 1965) e o acolhimento proporcionado pela Federação Internacional dos Movimentos da Escola Moderna (FIMEM), em abril de 1966, no congresso de Perpignan (França), ao grupo de professores portugueses, e que culminou com a designação de Rosalina Gomes de Almeida e de Sérgio Niza como representantes (delegados) do chamado, a partir daí, grupo português do Movimento da Escola Moderna.

Sustenta Sérgio Niza (2009), relembrando um escrito seu, que o MEM "surgiu a partir da atividade de seis professores que se constituíram, em fevereiro de 1965, no Grupo de Trabalho de Promoção Pedagógica" (...) "Esse grupo inicial analisava e refletia sobre as suas práticas de ensino, a partir de relatos apoiados nos trabalhos dos alunos, alternando com a leitura e debate de textos promotores do seu desenvolvimento teórico, bem como da produção de instrumentos auxiliares do trabalho pedagógico". Pode considerar-se que este foi o embrião do que posteriormente se veio a chamar de "dispositivo de autoformação cooperada".

É assim que, desde o princípio, o MEM se assume como estrutura de desenvolvimento humano e social, em que os professores se formam uns aos outros, de modo isomórfico e a partir de projetos de formação.

É verdade que desde os anos sessenta essa formação assentou na utilização das Técnicas Freinet que funcionaram como instrumentos congregadores e puderam tornar-se inspiradores, à imagem do que acontecera em França, da construção/criação de um movimento de professores. Esse grupo de professores (Movimento da Escola Moderna) foi-se alargando, inicialmente através do Ensino Particular e, posteriormente, depois de abril de 74, no Ensino Público. Deste modo, para além dos inúmeros estágios e outras ações de formação que o MEM sentiu necessidade de organizar para responder às diversas solicitações, no primeiro decénio, também foi instado a organizar vários encontros internacionais com a colaboração de professores estrangeiros. Estão nessa linha os estágios internacionais do Pindelo, em 1971, e da Penha Verde, em 1973, o Estágio Internacional do Mediterrâneo (SIM), em 1975, e o Rencontre Internationale Des Éducateurs Freinet (RIDEF), em 1977.

Mas o viver foi alterando a própria vida. Hoje, já não somos seis, nem sessenta, somos cerca de dois mil e, nunca enjeitando nada da nossa história, temos consciência de que, ao longo destes cinquenta anos, fomos deslocando a centralidade das técnicas escolares para priorizar a organização social das aprendizagens.

Esta caminhada, feita sempre a caminhar, como diria António Machado, começou por assentar em veementes críticas à gramática da Escola Tradicional, distanciando-se de organizações comunitárias próprias de modelos anglossaxónicos e da Escola Nova, bem como das perspetivas não-direti-

vas neilianas ou rogerianas, enfim de todos os modelos pedocêntricos para, pouco a pouco, ir construindo e desenvolvendo um modelo firmado numa perspetiva em que o grupo, em cooperação com o professor, organiza e gere a vida dessa pequena comunidade – um modelo sociocentrado das aprendizagens. Também a formação entre nós, no sentido de promover uma mudança pessoal e o desenvolvimento da profissionalidade, tem-se processado de forma horizontal, dialógica e em cooperação, em grupos heterogéneos no seu estádio de desenvolvimento profissional ou mesmo por docentes dos vários graus de ensino. Esta perspetiva de aprendizagem num modelo centrado no grupo, quer dizer, numa determinada comunidade de aprendentes, leva-nos facilmente para o que nos anos noventa se veio a chamar de teoria sociocultural, construída pelos autores pós-vigotskyanos (Bruner, Wertsch, Mercer, Wells, Colle...). Defendem a linguagem escrita/leitura como promotoras da compreensão e do desenvolvimento, os quais ocorrem entre pares, com conhecimentos simétricos ou não, muitas vezes com a ajuda do professor ou de um outro ator mais capaz, a partir de atividades negociadas e realizadas em permanente interação.

Este é o modelo que hoje perseguimos, decorrente das propostas de autores vigotskyanos e pós-vigotskyanos e caldeada com instituições originárias de outras perspetivas. Tal é o caso do Conselho de Cooperação Educativa que, adotado da Pedagogia Institucional, se transformou num instrumento fundamental, agente pedagógico, porque analisador social (instituinte) do que acontece, como factos e feitos na vida da comunidade de aprendentes – instituindo regras, desconstruindo e reconstruindo as formas de organização mais convenientes ao funcionamento dessa comunidade.

Retomando o CCP de setembro de 2015, recorde-se que ficou decidido que a revista Escola Moderna de 2016 deveria interromper a publicação dos relatos de práticas e dos produtos de investigações produzidas pelos sócios do MEM, para acolher, este ano, alguns dos produtos de comunicações apresentadas em sessões plenárias do 37.º Congresso e um conjunto de depoimentos que os sócios entendessem oferecer como produtos da sua forma de ver, de sentir e de estar, hoje, no Movimento de Escola Moderna. Para isso, decidiu-se não individualizar os "pedidos", mas sim dar conta da situação em cada uma das reuniões de CCP, realizadas no ano letivo de 2015/16, e esperar que as Comissões Coordenadoras dos Núcleos Regionais se encarregassem de divulgar, junto dos sócios de cada núcleo, a informação disponibilizada em cada CCP.

Chegados ao mês de abril, tinham sido recolhidos praticamente todos os escritos a incluir na revista Escola Moderna n.º 4, da 6.ª série: um texto de apresentação do Movimento, hoje, de Sérgio Niza, escrito e publicado no JL/Educação de 22 de julho de 2015; o texto com que a Presidente da Mesa da Assembleia Geral (Ariana Cosme) decidiu dar início aos trabalhos do 37.º Congresso do MEM; o escrito que serviu de base à Conferência de abertura, alocução proferida por Jorge Ramos do Ó, professor no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e atualmente sócio honorário do MEM, e quatro textos referentes aos conteúdos apresentados no painel "Pedagogia e Mudança na vida do MEM": "Revisitar a pedagogia contemporânea no cinquentenário da Escola Moderna Portuguesa" de Sérgio Niza, "As Técnicas Freinet da Escola Moderna" de Manuela Castro Neves, "Um diálogo com a Pedagogia Institucional" de Pascal Paulus e "Os atuais enfoques teóricos do MEM" de Filomena Serralha.

Para além destes escritos, conseguiu-se recolher dois depoimentos de Comissões Coordenadoras de Núcleos Regionais e mais de cinquenta depoimentos individuais de sócios de todo o país.

Os artigos que integram a presente revista traduzem, a diversos níveis, o percurso histórico desta Associação. Far-se-á uma breve referência a cada um, em jeito de convite à sua leitura. Assim, o texto "O Movimento da Escola Moderna portuguesa hoje" é um escrito de apresentação da associação como "movimento de cidadania democrática" para a "intervenção educativa nas escolas". No dizer de Sérgio Niza, o MEM continua a ser uma alternativa democrática que celebra cinquenta anos de atividade ao serviço da educação escolar. Lembra-nos a sua finalidade principal, a autoformação cooperada. Hoje, como no princípio, decorre do trabalho de análise e reflexão dos produtos, dos instru-

mentos e dos estudos teóricos como propostas de resolução dos problemas levantados a partir das dinâmicas da sala de aula e no interior de Grupos de Trabalho Cooperativo.

Reafirma, mais uma vez, a orientação sociocultural como suporte teórico do modelo do MEM, a sua estrutura cooperativa como base da organização do trabalho de aprendizagem, sistematizada em cinco tipos de atividade, de acordo com a sua "sintaxe".

O segundo, da autoria de Ariana Cosme, é um escrito de boas vindas ao 37.º Congresso. Congratula-se pelo privilégio de nos podermos encontrar, em congresso, para continuar "um movimento subordinado a um objetivo maior: o da construção de projetos de educação congruentes com os fundamentos democráticos que tem vindo a animar a nossa reflexão e a ação sobre as finalidades da escola e da organização e gestão do trabalho curricular e pedagógico".

O texto "Nos cinquenta anos do Movimento da Escola Moderna: a potência do conhecer e do agir" é um escrito de grande densidade reflexiva, em que Jorge Ramos do Ó traça algumas linhas sobre a história do Movimento, fazendo um retrato onde gostamos de nos ver. Afirma que o MEM tem uma prática radical "alicerçada na partilha, na entreajuda e na autonomia crítica". Da leitura deste escrito percebe-se, e ficamos contentes, que o Jorge se sente bem entre nós e até deseja que o reconheçamos como um par entre pares.

Parte de três pressupostos – a compreensão da irredutibilidade do modelo escolar; a necessidade de nos assumirmos como escritores e o do vínculo comunitário - que emanam do trabalho realizado no Movimento. A propósito do primeiro pressuposto fala-nos de Espinosa, "príncipe dos filósofos", enorme pela capacidade de enfrentar "a máquina disciplinar e de sujeição das consciências". Evoca, a partir dele, que "a potência do agir surge unicamente da potência do compreender". Em contraposição, lembra-nos Coménio, que defendia, de certo modo, a homogeneização porque desejava, e até conseguiu, a perene proeza de, pelo menos ao longo de quatrocentos anos, pôr os professores a ensinar todos os alunos como se fossem um só. Jorge Ramos do Ó defende, assim, "o postulado espinosiano", segundo o qual a heterogeneidade e a diversidade constituem os modos da imanência de uma vida não triste e, por isso, devem ser os melhores recursos da aprendizagem para resistir às políticas públicas de educação crescentemente uniformizadoras".

O segundo pressuposto tem que ver, não só com a necessidade de nos assumirmos como escritores, mas acima de tudo, e em qualquer área, podermos reivindicar que "é no interior da produção que se compreendem os próprios processos produtivos".

O último pressuposto fala-nos do desafio de nos assumirmos como comunidades de escritores, de aprendentes, de práticos, no fundo, de iguais. Tendo em conta que ninguém pode nada sozinho, a aprendizagem não é um processo individual, é distribuído, e a experiência da autoformação cooperada é bem o exemplo disso. Também com Gilles Deleuse reforça que "não há mais representação, há somente ação de teoria, ação de prática (...) em comunidade".

Os restantes textos traduzem os conteúdos abordados nas comunicações da sessão plenária (Painel) "Pedagogia e Mudança na vida do MEM". Não se trata das transcrições das comunicações, já que assumiram uma nova versão escrita. Designadamente o de Sérgio Niza, que serviu de base à conferência realizada na abertura do XXIII colóquio AFIRSE, de 28 de janeiro de 2016, na Universidade de Lisboa.

Nesta sessão pretendia dar-se uma panorâmica das grandes mudanças, ao nível da Pedagogia, que ocorreram ao longo dos últimos cinquenta anos. Assim, Sérgio Niza traça um pouco da história das ideias pedagógicas desde o princípio da década de sessenta do século XX até ao presente, tendo como horizonte espacial o MEM. Lembra o ideário da Educação Nova, as escolas novas e a pedagogia ativa, para se centrar no trabalho realizado no Centro Infantil Helen Keller liderado por Maria Amália Borges. Aborda a utilização das Técnicas Freinet naquele Centro e em diversos colégios, e recorda os conflitos existentes no seio do Movimento da Escola Moderna Francês a partir da cisão do grupo de Paris da Pedagogia Institucional de Fernand Oury. Faz algumas referências à herança de Freinet,

ao mesmo tempo que através do aprofundamento da Pedagogia Institucional e das perspetivas sócio-histórica e sociocultural se vai fazendo, paulatinamente, a deslocação da visão ainda então pedocêntrica para uma visão social da organização do trabalho de aprendizagem em cooperação, ao mesmo tempo que se vai aprofundando a conceção sociocultural e dialógica da prática educativa.

Manuela Castro Neves, com o texto, "As Técnicas Freinet da Escola Moderna" apresenta-nos uma pequena biografia de Celestin Freinet. Avança com algumas das suas ideias em termos filosóficos e faz um breve apontamento sobre as "Técnicas de Vida" por ele utilizadas. Assim, explica-nos o que são e como funcionam a aula/passeio, a imprensa, o jornal escolar, a correspondência escolar, o método natural de leitura e escrita, o cálculo vivo e a cooperativa escolar. Também nos fala das razões que o levam à exoneração e à necessidade da construção de uma escola privada para poder continuar a sua obra pedagógica. Trata-se da escola de Vence, edifício que "tem todos os requisitos para a sua pedagogia". É também, a partir daqui, que a Manuela nos fala dos materiais, da assembleia cooperativa, do jornal de parede, da expressão livre, do tateamento experimental e do "primado do Trabalho sobre o jogo".

O texto de Pascal Paulus, "Um diálogo com a Pedagogia Institucional", é uma breve resenha histórica desta perspetiva desde os anos sessenta. Fala-nos dos encontros e desencontros entre Oury e Freinet, da criação dos diversos grupos ligados à Pedagogia Institucional (o Grupo de Técnicas Educativas, o Grupo da Pedagogia Institucional e o Grupo de Educação Terapêutica), das saídas, das entradas e reentradas de personalidades e grupos na casa mãe, o ICEM (Instituto Cooperativo da Escola Moderna). Depois lembra o projeto de escola que ajudou a construir e onde, nos fins da década de 70, começou a trabalhar. Era uma Escola Freinet, com uma prática institucional, com ligações à "perspetiva experiencial". Lembra-nos ainda da convergência de pontos de vista com os professores portugueses presentes na RIDEF de Delf, e termina o escrito procurando encontrar elementos de atualidade da Pedagogia Institucional, concluindo que continuam a existir grupos das linhas autogestionárias em certos grupos sociais e da área da análise Institucional na Universidade.

O trabalho de Filomena Serralha "Os atuais enfoques teóricos do MEM" é um texto que caracteriza as perspetivas histórico-cultural e sociocultural, clarificando o que as diferencia e o que têm em comum, no que se refere à construção do conhecimento pelos aprendentes. Assim, a importância dos fatores sociais na construção das *funções mentais superiores*, o modo como a *linguagem* opera na transformação dos vários intervenientes no processo e o papel das ajudas, no quadro de comunidades de aprendizagem, na construção de conceitos científicos a partir dos conceitos espontâneos, são alguns dos aspetos que Filomena Serralha situa em ambas as teorias, convidando-nos a refletir com ela.